

(CC BY NC ND) - Except where otherwise noted, this item's license is described as Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 Internacional. Fonte: <https://rdu.unc.edu.ar/handle/11086/16803>. Acesso em: 22 fev. 2021.

REFERÊNCIA

PÁDUA, Letícia Mouhamad de; PACHECO, Cíntia da Silva. Hibridização dos gêneros textuais: o processo criativo de gêneros jornalísticos. In: MATIAS, Richard Brunel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia; LOUSADA, Eliane Gouvêa. **Gêneros textuales/discursivos y enseñanza/aprendizaje de lenguas en múltiples contextos: X SIGET - Simpósio Internacional de Estudios sobre Géneros Textuales: géneros textuales/discursivos, prácticas de lenguaje y voces del sur en diálogo**. Córdoba: Facultad de Lenguas - Universidad de Nacional de Córdoba - Argentina, 2020. p. 120-131. Disponível em: <https://rdu.unc.edu.ar/handle/11086/16803>. Acesso em: 22 fev. 2021.

Géneros Textuales/Discursivos y enseñanza/Aprendizaje de lenguas en múltiples contextos

ORGANIZADORES

Richard Brunel Matias | Vera Lúcia Lopes Cristovão | Eliane Gouvêa Lousada



X SIGET

Simposio Internacional de Estudios sobre Géneros textuales

**Géneros textuales/discursivos,
prácticas de lenguaje
y voces del sur en diálogo**

Facultad de Lenguas
Universidad Nacional de Córdoba
Argentina

Brunel Matias, Richard

Géneros textuales/discursivos y enseñanza/aprendizaje de lenguas en múltiples contextos : X SIGET -Simposio Internacional de Estudios sobre Géneros Textuales : géneros textuales/discursivos, prácticas de lenguaje y voces del sur en diálogo / Richard Brunel Matias ; Gouvêa Eliane Lousada ; Vera Lúcia Lopes Cristovão. - 1a ed. - Córdoba : Fl copias, 2020.

Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online

ISBN 978-987-8382-04-3

1. Géneros Literarios. 2. Análisis del Texto. I. Lousada, Gouvêa Eliane. II. Cristovão, Vera Lúcia Lopes. III. Título.

CDD 808.03

ISBN 978-987-8382-04-3



Hibridização dos gêneros textuais: o processo criativo de textos jornalísticos*

Letícia Mouhamad de Pádua **
Cíntia da Silva Pacheco ***

RESUMO

Este artigo analisa o processo de hibridização dos gêneros textuais conto e notícia, a partir de processos criativos e em consonância com a leitura crítica de textos jornalísticos. Com foco na metodologia desenvolvida no Curso de Leitura e Escrita: leitura crítica e escrita criativa da Universidade de Brasília, esse estudo observa a forma como os estudantes fazem a transposição entre um gênero textual e outro (conto e notícia), com base na investigação de notícias relacionadas aos casos de feminicídio reportados pela imprensa. Além disso, é discutida a definição de hibridismo, bem como alguns pressupostos da escrita criativa. Defende-se a ideia de que o aluno, ao deslocar o texto de um modelo para outro, precisa não apenas fazer adequações, mas também analisar criticamente o assunto do qual está tratando.

PALAVRAS-CHAVE

Gêneros híbridos; Textos jornalísticos; Escrita criativa; Feminicídio

RESUMEN

Este artículo analiza el proceso de hibridación de los géneros textuales cuento y noticias, a partir de procesos creativos y en línea con la lectura crítica de textos periodísticos. Centrándose en la metodología desarrollada en el Curso de Lectura y Escritura: lectura crítica y escritura creativa en la Universidad de Brasília, este estudio analiza cómo los estudiantes se transponen entre un género textual y otro (cuento y noticia), basado en la investigación de noticias relacionadas con casos de feminicidio denunciados por la prensa. Además, es discutida la definición de hibridación, así como con algunos presupuestos de escritura creativa. Defiende la idea de que, cuando los estudiantes mueven el texto de una plantilla a otra, no solo necesitan hacer ajustes, sino también analizar críticamente el tema que se está abordando.

PALABRAS CLAVE

Gêneros híbridos; Textos periodísticos; Escritura creativa; Feminicidio

* Agradeço o apoio institucional concedido a mim pela Universidade de Brasília, por meio do edital DPI/DPG - UnB n° 02/2019.

** Graduanda em Letras-Português da Universidade de Brasília e orientanda da professora Cíntia da Silva Pacheco no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade de Brasília. E-mail: leticiamouhamad.unb@gmail.com

*** Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília e professora do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da mesma instituição. Atua nas áreas da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Textual. E-mail: cintia.pacheco@unb.br

INTRODUÇÃO

O processo de escrita de textos jornalísticos está fixado em determinados modelos de estrutura e de articulação de ideias, que padronizam a composição e captam a atenção do leitor, conhecidos como pirâmides: pirâmide invertida, pirâmide deitada, pirâmide mista (JORGE, 2008). Nota-se que, em muitas situações, esses textos são produzidos de maneira automática, sem a reflexão sobre a interferência de elementos linguísticos, como a escolha de determinados verbos e nomes, e a alternância da voz passiva e voz ativa, nos significados dessas construções.

Nesse contexto, a hibridização dos gêneros textuais surge como ferramenta a ser utilizada na produção desses textos, já que demanda uma adaptação textual do redator, que deve estar atento às finalidades da sua produção. A partir do processo de flexibilização do plano composicional do gênero (KOCH; ELIAS, 2009), é possível obter novas formas de representação, que mesclam conteúdo temático e estrutura, como a hibridização da notícia e do conto ou da notícia e da poesia, por exemplo.

Assim, o fator de destaque dessa proposta é que, ao desenvolver esse processo, há a necessidade de ativação dos mecanismos criativos intrínsecos¹ à produção textual, a fim de que essa transgressão seja feita de forma coerente. Sobre a flexibilidade do gênero textual, Bakhtin (2008, p. 122) considera que este “renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura em cada obra individual de um dado gênero”.

Com vistas a obter resultados práticos, ou seja, materiais didáticos que comprovem a funcionalidade dessa proposta, a análise se insere no projeto de extensão da Universidade de Brasília “Curso de Leitura e Escrita: leitura crítica de textos jornalísticos e escrita criativa”, coordenado pela professora Cíntia da Silva Pacheco. Nele, os alunos produzem esses textos a partir de processos de hibridização dos gêneros textuais, de maneira que trabalhem com formatos diversos, como o conto, a carta, o artigo de opinião. Além disso, ainda constroem notícias com base em análise de letras de músicas, infográficos e imagens.

As temáticas propostas nesse curso tratam de questões relativas aos direitos sociais, à cidadania e aos preconceitos associados a pertencimentos de classe, de raça e de gênero. Especificamente, estudou-se a forma como a mídia reporta notícias sobre saúde mental e qual a sua responsabilidade em tratar sobre suicídio; como a imprensa transforma tragédias em espetáculos e quais as consequências disso; como o jornalismo pode reproduzir preconceitos ligados ao gênero, a partir da análise de casos de feminicídio; como a mídia ainda segrega e condena pela cor da pele; e como as fake news intensificam a desinformação e quais são as formas de combatê-la.

Nesta pesquisa, o foco se dará no estudo da hibridização dos gêneros textuais conto e notícia, partindo da leitura crítica de textos jornalísticos que tratam do feminicídio no Brasil. Assim, optou-se por selecionar os temas tratados nas oficinas sobre a reprodução de

¹ As referências sobre escrita criativa consultadas foram as de Arqués (2018); Brasil, (2019); Benigno (2015); Montes (2016); Miranda (2015).

preconceitos ligados ao gênero e à raça. Objetiva-se, assim, observar como os estudantes fazem essa transposição de um plano composicional para outro, mantendo o conteúdo temático, e de que maneira a reflexão crítica influencia na forma como eles produzem esses textos. Para isso, deve-se analisar, em princípio, o contexto social da turma, assim como alguns pressupostos teóricos oriundos da Linguística Textual.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Os textos jornalísticos obedecem a determinados parâmetros que são estabelecidos pelos manuais de redação dos veículos de comunicação, a fim de que notícias e reportagens, por exemplo, sigam um modelo de estrutura semelhante. Os mais conhecidos são as pirâmides: invertida, deitada ou mista. Jorge (2008, p. 165) afirma que o modelo da pirâmide invertida é o que mais se destaca atualmente, composto pela base (lide e sublide), pelo corpo (desenvolvimento das informações) e pelo fecho (apontamentos para o futuro). O lide é estruturado normalmente em dois parágrafos e objetiva introduzir, resumir e explicar as informações ao leitor, a partir de seis questionamentos: O quê? Quem? Quando? Como? Onde? Por quê? Já o sublide trata do detalhamento do lide, local em que são fornecidas informações novas e em ordem cronológica. Título e subtítulo são, ainda, partes essenciais dos gêneros textuais notícia e reportagem.

O discurso jornalístico é o “discurso sobre o estado das coisas no mundo”. Assim definiu Marques (2008, p. 6), ao esclarecer que são os textos jornalísticos o meio pelo qual a sociedade se relaciona com o mundo, algo além da mera informação. Os gêneros textuais presentes no jornalismo, foco do Curso de Leitura e Escrita, são, portanto, parte do binômio linguagem-sociedade e refletem aspectos presentes no cotidiano, além de reproduzirem discursos propagados durante anos nesse ambiente. Por isso, a leitura crítica desses textos é fundamental para identificar elementos que compactuam com determinadas ideologias e, em alguns casos, preconceitos, como o de gênero e o de raça.

Existem modelos de composição dos textos jornalísticos que são comumente utilizados e contribuem para a mecanização da produção desses gêneros textuais. Tal fato, ligado ainda à necessidade de publicar rapidamente um acontecimento, pode ser um dos motivos pelos quais quase todos os grandes veículos de comunicação usam a mesma “fórmula” para noticiar determinados eventos. Por exemplo, é sabido que o título desse gênero deve resumir todo o fato ou apresentar seus aspectos mais relevantes e ser chamativo, a fim de que as pessoas se interessem pela leitura. Nota-se que, em narrativas que tratam sobre a violência, a “fórmula” a ser seguida é a utilização da voz da passiva para se referir à vítima, fato que legitima esse acontecimento e invisibiliza o agressor (CARDOSO; VIEIRA, 2014).

Observa-se que, nesse caso, há ainda a ruptura como um dos princípios mais esperados do jornalismo: a imparcialidade. Ora, o jornalista, ao redigir o seu texto, faz escolhas; seleciona as palavras que irá utilizar, opta pela ordem direta ou indireta das

orações, define o emprego da voz ativa ou da voz passiva etc. Escolhas pressupõem parcialidade, seja do profissional, seja do veículo de comunicação. Situação semelhante ocorre quando há um recorte das citações de fontes, que normalmente conferem maior veracidade e objetividade ao fato, de forma que o jornalista conduza o leitor ao ponto que deseja destacar. Sobre esse assunto, Motta (2005, p. 9) reitera que

entendemos que a narrativa jornalística é um permanente jogo entre os efeitos de real e outros efeitos de sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso etc.), mais ou menos exacerbados pela linguagem dramática das notícias. Procura sempre vincular os fatos ao mundo físico, mas cria incessantemente efeitos catárticos. É um permanente jogo entre as intenções do jornalista e as interpretações do receptor. É polissêmica, intersubjetiva, híbrida, transita contraditoriamente nas fronteiras entre o objetivo e o subjetivo, denotação e conotação [...].

Essa questão da imparcialidade (ou parcialidade) está relacionada aos fatores de textualidade intencionalidade e aceitabilidade. O primeiro caracteriza-se como a pretensão que o interlocutor tem ao construir o seu texto, que pode partir apenas do objetivo de obter contato com o leitor, de fazer com que este compartilhe das suas opiniões até de direcioná-lo a determinadas atitudes. Marcuschi (2008, p. 127) reforça que “é difícil identificar a intencionalidade porque não se sabe ao certo o que observar. Também não se sabe se ela se deve ao autor ou ao leitor, pois ambos têm intenções”. Dessa forma, um leitor crítico compreende que nenhum texto é neutro, já que este é sempre uma reprodução dos objetivos do autor. No segundo fator de textualidade, a aceitabilidade, há uma cooperação entre autor e leitor, no qual este último se esforça para compreender o texto e interpretá-lo. Para isso, ele ativa os conhecimentos que possui, como o seu conhecimento de mundo ou da situação.

Nesse contexto, a escrita criativa surge como estratégia para conferir maior criticidade e maior cuidado por parte do redator, que pode utilizar da sua posição, ou seja, ser aquele que transmite a informação e, às vezes, conhecimento, para propor mudanças, ainda que precise manter o mínimo de imparcialidade exigida pelos gêneros jornalísticos. Marchioni (2018, p. 20) afirma que as seis perguntas (o quê, quem, quando, onde, como, o porquê) usadas para a construção do lide ajudam a desenvolver a criatividade, quando combinadas ou reorganizadas de formas diversas, tornando a produção textual menos automática e mais original.

O processo criativo exige a identificação de um problema, seu máximo conhecimento e a preparação para colocar as ideias em prática. Além disso, é no exercício da leitura que o repertório se expande e se qualifica. “A informação que consumimos desenha a nossa personalidade, contribui para as ideias que formulamos e dá cor à nossa visão de mundo” (MARCHIONI, 2018, p. 30). No caso do texto jornalístico, o profissional que for redigir uma notícia sobre violência doméstica, por exemplo, deve estar atento a todos os fatores que contribuem para essa problemática, sem encarar essa situação como um caso isolado, compreendendo os fatores sociais que a permeiam. Assim, é possível

oferecer ao leitor muito mais do que dados estatísticos e depoimentos policiais. Mas, afinal, como colocar todas essas ideias em prática?

Di Nizo (2008, p. 79) divide o processo de escrita em duas etapas: a de criação e a de edição. Na primeira, a observação é priorizada, a fim de que haja uma familiaridade com o assunto; depois, é interessante que se comece a escrever rapidamente, fazer associações, e registrar as sensações, os sentimentos e as primeiras impressões. Aqui, não deve haver preocupações com aspectos mais formais da linguagem, como as vírgulas e a ordenação. O objetivo é brincar com as palavras. Na segunda etapa, recomenda-se que o contato com a produção ocorra algum tempo depois da finalização na primeira etapa, pois “o distanciamento realça o que pode ser reescrito, aperfeiçoado” (DI NIZO, 2008, p. 81). No caso de textos jornalísticos, que precisam estar prontos com rapidez, essa sugestão não se aplica, mas outras recomendações - ajustar o vocabulário, verificar a veracidade de todas as informações e eliminar o que não é essencial - são pertinentes.

Inteiramente ligado a esses dois tópicos, o estudo dos gêneros textuais é fundamental para compreender como os textos jornalísticos se comportam e qual a vantagem de se propor a escrita criativa nesses contextos. Dias (2018, p. 27) compara os gêneros a objetos culturais, uma vez que convergem social e linguisticamente. São caracterizados por possuírem um plano composicional, ou seja, uma forma de composição, e distinguem-se pelo conteúdo temático, tema, e estilo, tipos de estruturação e relação entre o escritor ou falante e o leitor ou ouvinte (KOCH; ELIAS, 2009, p. 59-60). Devem, ainda, atender a determinadas finalidades discursivas e sociais, tendo na delimitação do seu formato o que pode e deve ser dito como significativo. A hibridização dos gêneros textuais, ou seja, a possibilidade de um gênero assumir a função do outro (MARCUSCHI, 2008), permite que os textos jornalísticos sejam escritos de forma mais criativa, já que demandam uma adaptação do interlocutor, que deve conhecer as características do gênero textual do qual está trabalhando.

Marcuschi (2008, p. 166) nomeia esse processo de intergenericidade e reforça que não costuma haver dificuldades para a identificação desse fenômeno, muito comum, em que é predominante a determinação da função sobre a forma. Nos textos jornalísticos, esse processo é bastante utilizado para motivar a leitura, além de fazer com que o assunto seja interpretado com mais atenção e intensidade por parte do leitor. Sobre esse processo, Marchioni (2018, p. 21) complementa que

alguns autores consideram que a arte de escrever de maneira original consiste, em última análise, na capacidade de repetir uma ideia com uma abordagem nova, levando o leitor a pensar e sentir que aquele conteúdo é totalmente inédito.

Assim, os textos jornalísticos, a escrita criativa e a intergenericidade conseguem ser trabalhados em conjunto, tal como é feito nas oficinas do Curso de Leitura e Escrita: leitura crítica de textos jornalísticos e escrita criativa.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa exploratória, ancorada em uma abordagem qualitativa, cujo propósito é investigar de que forma os estudantes fizeram a transposição de um gênero textual para o outro, partindo da interpretação crítica de textos jornalísticos. Essas atividades foram produzidas pelos alunos do projeto de extensão da Universidade de Brasília denominado Curso de Leitura e Escrita: leitura crítica de textos jornalísticos e escrita criativa.

Os instrumentos utilizados para a análise são os textos produzidos pelos estudantes na oficina cujo tema foi “Qual a responsabilidade da mídia com as vítimas de violência doméstica e feminicídio?”. Para o estudo foram propostos alguns títulos de notícias de grandes veículos de comunicação que tratassem do assunto. A análise dessas produções, por sua vez, será baseada em pressupostos da Linguística Textual e da linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade. Foram selecionadas apenas duas atividades, de três alunos do curso², uma vez que elas seriam suficientes para exemplificar os processos de leitura crítica e de hibridização dos gêneros textuais. Estas foram produzidas em duas oficinas diferentes, uma após a outra³.

A proposta da primeira atividade era que, após oficinas e discussões sobre preconceito de gênero, violência contra a mulher e feminicídio, os estudantes produzissem um conto a partir da narrativa presente na música Camila, da banda “Nenhum de Nós”, que trata de temas como relacionamento abusivo e violência doméstica. Eles deveriam estar atentos à adaptação do gênero textual letra de música para o gênero conto literário, incluindo, por exemplo, diálogos no texto.

Já a proposta da segunda atividade requisitava que os extensionistas produzissem uma notícia com base no conto Maria, da escritora mineira Conceição Evaristo. Nesse caso, é importante ressaltar que houve uma oficina que abordou a construção do gênero notícia (antes desse momento de elaboração do texto) e discussões sobre a problemática do racismo e da violência contra a mulher negra (no dia destinado à proposta). Neste caso, os alunos deveriam adaptar a narrativa do conto para o plano composicional da notícia.

ANÁLISE DO CURSO DE LEITURA E ESCRITA

O crime de feminicídio é definido como o assassinato de mulheres em contextos marcados pelo preconceito de gênero. Trata-se da manifestação fatal de diversas violências que podem atingir as mulheres em sociedades demarcadas pela desigualdade

2 Os alunos optaram por fazer uma atividade em dupla e a outra individualmente.

3 No dia 31/06/19, aconteceu a oficina cujo tema foi “Qual a responsabilidade da mídia com as vítimas de violência doméstica e feminicídio?”, em que os alunos produziram a primeira atividade. Já no dia 28/07/19, ocorreu a oficina em que o assunto tratado foi “A resistência negra em um contexto midiático contaminado pelo racismo”, na qual os estudantes fizeram a segunda atividade. Nesta pesquisa, optou-se por incluir a segunda atividade no primeiro tema, uma vez que as propostas coincidem, ainda que tenha ocorrido em oficinas distintas.

de poder entre homens e mulheres. É extremamente problemático tratar esses casos de violência como situações isoladas ou repentinas, já que esses eventos fazem parte de um processo contínuo de crueldade, incluindo uma vasta gama de abusos, como o estupro, e a violência física e verbal. Além disso, deve-se considerar que construções históricas, sociais e culturais estão por trás dessa perturbação.

No Dossiê Femicídio⁴, plataforma ligada à organização social Agência Patrícia Galvão, é possível ter acesso a diversas informações relacionadas a esse crime, desde a definição desse problema até as formas de evitá-lo. Lá, existe um campo específico que trata do papel da imprensa ao reportar notícias sobre esse assunto, uma vez que tal instituição tem papel fundamental na construção da opinião pública. Além disso, pode-se pressionar as autoridades por políticas públicas e, principalmente, contextualizar, ampliar e aprofundar o debate sobre esse tema. Por isso, a leitura crítica de notícias e reportagens que abordem essa problemática tem uma grande relevância social.

É interessante observar como a análise linguística está presente nesse processo de leitura crítica, já que determinados termos utilizados pelos redatores levam a certas interpretações do leitor, quando apresentam expressões que legitimam atitudes violentas. Dias (2018, p. 225), ao referenciar Thompson (1995), define esse processo de legitimação como aquele em que as relações de hegemonia são difundidas como legítimas, justas e dignas de apoio da sociedade. Uma das estratégias utilizadas nesse procedimento trata da atribuição de valores morais (CARDOSO, 2015, p. 34) que focalizam no comportamento da vítima, em detrimento da atitude da pessoa que praticou o crime.

UM FATO, UMA CANÇÃO E UMA NARRAÇÃO

Para a análise desse processo de legitimação da violência contra a mulher, duas notícias utilizadas na oficina do referido assunto serão apresentadas para exemplificar a forma como a mídia costuma reportar esses temas ao leitor. O foco desse estudo será nos títulos, uma vez que estes centralizam boa parte do conteúdo contido nesse gênero textual (o fato). Os jornais eletrônicos selecionados para essa pesquisa foram o portal de notícias G1 e O Globo, que são veículos bastante conhecidos e acessados. Os relatos divulgados são do período de abril de 2016 a julho de 2017.

Na notícia “Mulher morta pelo ex postou que estava ‘angustiada’ dias antes do crime: ‘Coração apertado’”⁵, a informação reportada é a de que um homem assassinou a ex-mulher, a qual postou nas redes sociais dias antes que não estava se sentindo bem, e depois ele se matou. É possível observar que o redator optou por utilizar a voz passiva para se referir à vítima, que está em primeiro plano, além de usar o verbo “matar”, em

⁴ Neste site, foi possível obter informações e orientações de grande utilidade para esta pesquisa.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/mulher-morta-pelo-ex-postou-que-estava-angustiada-dias-antes-do-crime-coracao-apertado.html>, do dia 22 de julho de 2017, pelo Portal G1.

vez de “assassinar”. No primeiro caso, a utilização da voz passiva confere ao texto a naturalização dessa violência, uma vez que invisibiliza o indivíduo que deveria ser o sujeito da ação, ou seja, quem a cometeu. Ao colocar-se o foco sobre a vítima, busca-se olhar as características dessa mulher, assim como o seu comportamento, para tentar entender o motivo da agressão. Outro fator de destaque está no uso do verbo “matar”, o qual possui menos destaque do que a palavra “assassinar”, que, caso fosse empregada, poderia, de fato, trazer maior impacto ao leitor e, com isso, promover uma reflexão mais crítica sobre essa questão.

Na notícia “Enfermeira é morta após sair com homem que conheceu na internet”⁶, novamente, a vítima está em destaque e a opção é pelo verbo “matar”. Entretanto, o que chama mais a atenção são os seguintes fatores: o uso da preposição “após” e o destaque dado à profissão dessa mulher. A relação de causa e consequência motivada por essa partícula é evidente e transmite a ideia de que a vítima só foi assassinada porque saiu com o homem que conheceu na internet, ou seja, há uma atribuição de culpa a essa mulher. Esse é um artifício utilizado com frequência nos títulos de notícias e faz com que o leitor, ao ativar processos inconscientes que reproduzem relações de poder, questione a atitude da vítima, e não do assassino. Outro fato curioso é que o redator dá ênfase à ocupação dessa pessoa, recurso não muito comum. Uma das explicações possíveis é a de que essa profissão, quando atribuída a uma mulher, é representada muitas vezes de maneira sexualizada, diferentemente de quando se refere a um homem.

Existem ferramentas adequadas para fazer coberturas mais adequadas sobre esses casos, como (i) compreender o que é feminicídio; (ii) não tratar a situação como um caso isolado e de maneira romantizada; (iii) explicitar as causas reais desses acontecimentos, uma vez que crises, ataques de raiva e ciúmes não devem ser utilizados como justificativa; e (iv) divulgar canais de denúncia e serviços que acolham mulheres vítimas de violência.

Partindo dessas leituras e discussões, os alunos do Curso de Leitura e Escrita produziram um conto a partir do conteúdo temático presente na música Camila, da banda Nenhum de Nós. Esse exercício de hibridização do gênero textual letra de música e conto foi proposto com o intuito de instigar a criatividade dos estudantes, que deveriam manter o fio condutor da canção, mas fazendo adaptações para uma narrativa. Alguns questionamentos foram feitos a eles, depois da análise da música, a fim de que houvesse uma maior motivação para tratar dos seguintes aspectos: quem é Camila? O que aconteceu com ela? Quais as possíveis saídas para esse problema?

Esta música foi escrita em 1985 e, segundo o vocalista e compositor da canção, Thedy Corrêa, em uma entrevista a um canal de televisão, a letra se refere a um caso real de relacionamento abusivo. De acordo com Corrêa, os integrantes da banda tiveram uma colega na escola em que estudavam que mantinha um relacionamento com um rapaz agressivo e eles questionavam o motivo de ela se submeter a maus tratos e

⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/enfermeira-morta-apos-sair-com-homem-que-conheceu-na-internet-19064403>, do dia 16 de abril de 2016, pelo jornal O Globo.

constrangimentos. Sabe-se que vítimas de violência sentem muita dificuldade em sair do ciclo de violência, por inúmeras razões, desde a ausência de independência financeira até o medo de uma possível separação prejudicar os filhos.

Ao examinar a produção da dupla (conto), percebeu-se que foi criado um cenário específico e diálogos, e optou-se por manter a vítima como uma pessoa jovem, que ainda frequentava a escola. O agressor, por sua vez, recebeu um nome, Roberto, e era aluno da mesma instituição que a namorada. Alguns pontos merecem atenção especial, entre eles: o fato de os vizinhos da vítima não se surpreenderem com a violência que a jovem sofria; a ausência da menina na escola, que motivou mais boatos do que preocupações, fato que pressupõe a naturalização desse problema; a dificuldade que Camila sentia em tentar sair do ciclo de violência; a esperança de que o namorado pudesse mudar; e o título da notícia criada pelos alunos (“Camila, uma jovem de 17 anos, foi morta com 27 facadas dentro de sala de aula pelo seu companheiro”), o que intensifica o sentimento de posse reportado pelos jornais, exatamente como acontece com a vítima em destaque.

DE VOLTA AO FATO (OU FICÇÃO?)

Dentro desse contexto de violência, as mulheres negras, as maiores vítimas do crime de feminicídio⁷, ainda precisam lidar com outro problema: o racismo. Na oficina destinada ao preconceito racial, discutiu-se como esse grupo ainda é negligenciado em diversos âmbitos da sociedade, na escola, na academia, na ocupação de cargos de chefia, na política, nas representações televisivas e nas redações de grandes jornais. Foram analisadas notícias que deixavam claro o racismo que ainda persiste na mídia, especialmente as que tratam de violência e de tráfico de drogas. Enquanto os nomes utilizados para se referir a pessoas negras acusadas de tráfico são “traficante” ou “criminoso”, para pessoas brancas parece haver uma suavização desse crime, com o uso dos termos “jovem” e “usuário”, e um cuidado enorme em verificar se todas as informações são verídicas.

A atividade que vinculasse o tema do feminicídio ao racismo era a produção de uma notícia a partir do conto Maria, da escritora Conceição Evaristo, considerada uma das grandes representantes da literatura afro-brasileira. Balisa e David (2017, p. 76) reforçam essa ideia quando afirmam que “Assim como outras autoras afro-brasileiras, Conceição Evaristo faz uma literatura diferenciada, pois aborda as vivências das mulheres negras em suas diversas experiências” reivindicando seu lugar na sociedade excludente.

Esse conto, publicado na coletânea Olhos D’Água, narra a história de uma mulher chamada Maria, mãe solteira, moradora de uma favela e empregada doméstica de uma família aparentemente rica⁸. Quando está a caminho de casa, Maria reencontra seu ex-

⁷ Segundo dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios é maior entre as mulheres negras (5,3) que entre as não negras (3,1) – a diferença é de 71% (Dados disponíveis no site da organização Agência Patrícia Galvão).

⁸ Há um momento no conto, no início, em que a protagonista afirma que está levando para casa o que sobrou do banquete

companheiro, pai de um dos seus filhos, que assalta o ônibus no qual ela está, mas não leva seus pertences, fato que desperta a ira dos outros passageiros. Estes imaginam que a mulher está junto com os assaltantes e, mesmo após o alerta do motorista, que a conhecia e sabia que ela não estava envolvida nesse crime, lincham-na. É curioso notar o quanto o racismo está presente na manifestação violenta dos passageiros, que exclamam frases como “Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois” (EVARISTO, 2016). “Será que os passageiros, que passaram a agredir a protagonista, teriam a mesma postura diante de uma mulher branca?” (BALIZA; DAVID, 2017, p. 79).

Na notícia “Mulher inocente é assassinada ao ser alvo de revolta em transporte público”, produzida pela aluna a partir do conto Maria, de Conceição Evaristo, é importante observar as palavras que foram utilizadas no título e no subtítulo, já que elas revelam, de prontidão, informações relevantes sobre o acontecimento relatado. O adjetivo “inocente” pode ter sido utilizado com o intuito de evitar dúvidas do leitor sobre o envolvimento ou não da mulher no assalto. O verbo “assassinar” conferiu maior intensidade à atitude desses criminosos, mostrando, de fato, o que aconteceu. Já no subtítulo, foi ressaltada a influência do preconceito de gênero e de raça no ocorrido, artifício pouco explorado nos textos jornalísticos. O aluno seguiu a estrutura do gênero notícia, em que lide e sublide estavam presentes, de forma que o primeiro parágrafo apresentava e resumia o fato, trazendo informações a respeito do local, do dia e dos envolvidos; e os seguintes explicavam com mais detalhes esse episódio. Houve um cuidado em incluir depoimentos no texto, os quais davam mais credibilidade às informações reportadas, além de ressaltar o caráter pejorativo das agressões verbais direcionadas à Maria, o que confirmava a leitura crítica do conto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por um jornalismo mais humano e responsável exige dos leitores uma visão crítica, não somente dos discursos presentes nos textos jornalísticos, mas de todo um contexto que insiste em reproduzir preconceitos com consequências cada vez mais assustadoras. O Curso de Leitura e Escrita, em que essas problemáticas foram discutidas com maior profundidade, proporcionou ainda uma gama de ideias e debates, provenientes de momentos proveitosos de interação, que acrescentaram muito ao conhecimento de mundo.

As produções apresentadas nessa pesquisa são apenas uma pequena parte das inúmeras possibilidades colocadas em prática após as propostas de atividades. Notou-se que a criatividade foi desenvolvida e intensificada à medida que as discussões aconteciam, tendo sido possível notar os reflexos dessas análises nos textos dos alunos.

Os objetivos foram alcançados, uma vez que, após vivenciar os mecanismos de

dos padrões, os restos, e deixa a entender que a gorjeta recebida foi tão pequena, que possivelmente não daria para comprar os remédios que os filhos precisavam. Nota-se, aqui, que o preconceito social também é evidenciado pela autora.

leitura crítica, os alunos passaram a compartilhar análises que fizeram de outros textos, com outras temáticas, demonstrando que a ativação desses artifícios possui muitíssima utilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. Dossiê Feminicídio. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/>>. Acesso em: 11 jul. 2019.
- ARQUÉS, N. Curso de escritura para mujeres muy ocupadas. Barcelona: Alba editorial, 2018.
- BAKHTIN, M. M. Problemas da Poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BALISA, F. F.; DAVID, N. A. A violência contra a mulher negra no conto “Maria”, de Conceição Evaristo. Ilhéus: Litterata, 2017.
- Fernanda Francisca Balisa* Nismária Alves David**
- BENIGNO, D. C. La escritura creativa en las aulas. En torno a los talleres literarios. Editorial GRAO, 2015.
- BRASIL, L. A. de A. Escrever ficção: Um manual de criação literária. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CARDOSO, I. Discursos sobre violência sexual contra a mulher no webjornalismo e nas redes sociais. 2015. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- CARDOSO, I.; VIEIRA, V. A mídia na culpabilização da vítima de violência sexual: o discurso de notícias sobre estupro em jornais eletrônicos. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 7, p. 69-85, 2014.
- DIAS, J. de F. Linguagem e poder: por um olhar crítico sobre os textos. In: DIAS, Juliana de Freitas (Org.). Ler e (re)escrever textos na universidade: da prática teórica e do processo de aprendizagem-ensino. Campinas, SP: Pontes, 2018.
- DI NIZO, R. Escrita criativa: o prazer da linguagem. São Paulo: Summus, 2008.
- EVARISTO, C. M. Olhos d’água. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2009.
- JORGE, T. M. Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARCHIONI, R. Escrita Criativa: da ideia ao texto. São Paulo: Contexto, 2018.

MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, E. Estruturas do discurso jornalístico. Nordeste, 2008. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12_0528-1.pdf. Acesso em 9 de jul. 2019.

MIRANDA, C. G. Este libro lo escribes tú. Barcelona: Espasa, 2015.

MONTES, F. Taller de escritura: 1303 ejercicios de creación literaria. 2. ed. España: Berenice, 2016.

MOTTA, L. G. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: Cd-room XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: Intercom, 2005.